



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS
CURSO DE BACHAREL EM MEDICINA VETERINÁRIA

KARINA LIZANDRA DE SOUZA SILVA

**COMPORTAMENTO E BEM-ESTAR DE GATOS: PERCEPÇÃO DE TUTORES
VINCULADOS OU NÃO AO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA**

AREIA

2025

KARINA LIZANDRA DE SOUZA SILVA

**COMPORTAMENTO E BEM-ESTAR DE GATOS: PERCEPÇÃO DE TUTORES
VINCULADOS OU NÃO AO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso em
Medicina Veterinária da Universidade
Federal da Paraíba, como requisito parcial
à obtenção do título de Bacharel em
Medicina Veterinária.

Orientador: Prof.(a) Dr.(a) Danila Barreiro
Campos

Coorientador: Me. Gabriel Rodrigues de
Medeiros

AREIA

2025

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586c Silva, Karina Lizandra de Souza.

Comportamento e bem-estar de gatos: percepção de tutores vinculados ou não ao curso de medicina veterinária / Karina Lizandra de Souza Silva. - Areia:UFPB/CCA, 2025.

50 f. : il.

Orientação: Danila Barreiro Campos.

Coorientação: Gabriel Rodrigues de Medeiros.

TCC (Graduação) - UFPB/CCA.

1. Medicina veterinária. 2. Etologia. 3. Gatos. 4. Enriquecimento ambiental. 5. Comportamento. 6. Manejo. I. Campos, Danila Barreiro. II. Medeiros, Gabriel Rodrigues de. III. Título.

UFPB/CCA-AREIA


CDU 636.09(02)

KARINA LIZANDRA DE SOUZA SILVA


COMPORTAMENTO E BEM-ESTAR DE GATOS: PERCEPÇÃO DE TUTORES
VINCULADOS OU NÃO AO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA

Trabalho de Conclusão de Curso em
Medicina Veterinária da Universidade
Federal da Paraíba, como requisito parcial
à obtenção do título de Bacharel em
Medicina veterinária.


Aprovado em: 03 / 10 / 2025.

Documento assinado digitalmente
 DANILA BARREIRO CAMPOS
Data: 22/10/2025 14:09:54-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. (a) Dr. (a) Danila Barreiro Campos (Orientador)
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Documento assinado digitalmente
 MATHEUS HENRIQUE ANDRADE DA SILVA
Data: 22/10/2025 13:23:16-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Zootecnista Me. Matheus Henrique Andrade da Silva
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Documento assinado digitalmente
 ROSANA DO NASCIMENTO RIBEIRO
Data: 22/10/2025 13:59:57-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Médica Veterinária Me. (a) Rosana do Nascimento Ribeiro
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

AGRADECIMENTOS

A Deus, Nossa Senhora da Conceição e a todos os meus santos, que me guiaram e me sustentaram todos esses anos.

À minha madrinha querida e amada, que fez de tudo para que eu estivesse aqui e em todos os lugares, sempre da melhor forma. Sem ela, isso não teria sido possível. Seu exemplo de mulher, de força e de fé me fez ser quem sou hoje. Muito obrigada por tudo.

À minha mãe e ao meu pai, sem vocês me cuidando, aconselhando e conduzindo, eu nada seria. Meu muito obrigada.

Aos meus amigos e às amizades feitas nesse longo caminho, em especial, Amélia Ruth, que sempre esteve comigo; Lavínia Soares e Rebeca Nogueira, que, mesmo após a colação de grau, nunca me esqueceram, meu muito obrigada. A Maria Carolina, você não tem e nunca vai ter noção da sua importância na minha trajetória, tanto acadêmica quanto de vida. Meu muito obrigada a você e à sua família. A Matheus Henrique, que me ensinou uma religião linda e esteve comigo em um momento difícil, obrigada pela sua amizade e por me ensinar a querer bem as cobras, rãs, ratos e todos os animais exóticos, meu muito obrigada. A Adônis Pereira, sua amizade foi um presente; você não mede esforços para ajudar seus amigos, e eu te admiro muito por isso. Meu muito obrigada. A Jordana Machado, obrigada por me entender e me arrancar tantas risadas, meu muito obrigada. A Joyce Santos, você é, sem dúvida, a melhor no que faz. Obrigada por me ensinar tanto sobre comportamento, você me inspira. A todos que passaram por essa trajetória, sinto falta de todos, em especial Raissa Bucar, que me conquistou com sua doçura. Obrigada por ter tornado meus dias tranquilos; você é paz, meu muito obrigada. A Ana Clara, que não hesitou em deixar suas coisas para me ajudar a entender o Excel, você foi grande.

A Jefferson Diniz, meu grande amor, você me ensinou o amor tranquilo. Somos parceiros nesta vida, e você foi essencial neste final de caminhada. Serei para sempre grata. Seu comprometimento com nossa relação me inspira a cada dia. Te amo e meu muito obrigada.

Aos professores do Curso de Medicina Veterinária da UFPB, em especial à professora Sara Vilar, que nunca largou as mãos dos alunos. A senhora olhou nos meus olhos e disse para eu continuar, e aqui estou. Meu muito obrigada. À professora Danila Campos, por aceitar ser minha orientadora, não poderia ter escolhido melhor. Meu muito obrigada.

Aos funcionários da UFPB: Seu Leandro, Severino (Cacheado), Denize, Seu Cosme, Seu Ronaldo e Adriana. Sem vocês, o CCA não seria metade do que é. Vocês movimentam, cuidam e alimentam. Meu muito obrigada.

RESUMO

Este estudo foi desenvolvido no município de Areia, Paraíba, com o objetivo de avaliar o bem-estar de gatos domiciliados a partir da caracterização do perfil dos tutores, das condições ambientais, do manejo nutricional, da saúde preventiva e da percepção de comportamento. Para isso, aplicou-se um questionário estruturado a tutores de gatos residentes no município, totalizando 76 respostas válidas. Os resultados mostraram que a maioria dos tutores demonstra preocupação em oferecer recursos de enriquecimento ambiental, como arranhadores, locais elevados e janelas de observação, embora persistam lacunas quanto à quantidade adequada de caixas de areia e à rotatividade de estímulos. Em relação ao manejo nutricional, verificou-se percepção adequada do escore corporal ideal, mas com práticas de risco, como oferta de alimento à vontade e inclusão de comida caseira sem orientação profissional. A saúde preventiva foi valorizada, sobretudo pela vacinação, ainda que se observem falhas no acompanhamento veterinário periódico. Quanto ao comportamento, os tutores reconhecem emoções e mudanças de conduta nos gatos, mas apresentam conhecimento limitado sobre conceitos fundamentais, como as Cinco Liberdades. Conclui-se que, embora existam práticas positivas, persistem desafios que podem comprometer o bem-estar dos gatos, especialmente em domicílios com menor renda e escolaridade. Nesse contexto, destaca-se a importância da difusão de informações acessíveis e de estratégias práticas, como o uso de caixas de papelão, brinquedos artesanais e prateleiras reaproveitadas, que permitem conciliar cuidados de baixo custo com as necessidades etológicas dos animais. O papel da universidade e dos profissionais de Medicina Veterinária mostra-se essencial para a democratização do conhecimento e para a promoção da qualidade de vida dos gatos em diferentes contextos sociais.

Palavras-chave: etologia; gatos; enriquecimento ambiental; comportamento; manejo.

ABSTRACT

This study was conducted in the municipality of Areia, Paraíba, to assess the welfare of domesticated cats by characterizing the owner's profile, environmental conditions, nutritional management, preventive health, and behavioral perception. To this end, a structured questionnaire was administered to cat owners residing in the municipality, totaling 76 valid responses. The results showed that most owners demonstrate concern about providing environmental enrichment resources, such as scratching posts, elevated areas, and observation windows, although gaps remain regarding the adequate number of litter boxes and stimulus rotation. Regarding nutritional management, an adequate perception of the ideal body weight score was observed, but risky practices were observed, such as offering food *ad libitum* and including homemade food without professional guidance. Preventive health was valued, especially through vaccination, although gaps in regular veterinary monitoring were observed. Regarding behavior, owners recognize emotions and behavioral changes in their cats, but have limited knowledge of fundamental concepts, such as the Five Freedoms. The conclusion is that, although positive practices exist, challenges persist that can compromise cat welfare, especially in households with lower incomes and educational levels. In this context, the importance of disseminating accessible information and practical strategies, such as the use of cardboard boxes, handmade toys, and repurposed shelves, is highlighted. These strategies allow for the reconciliation of low-cost care with the animals' ethological needs. The role of universities and veterinary medicine professionals is essential for the democratization of knowledge and the promotion of the quality of life of cats in different social contexts.

Keywords: ethology; cats; environmental enrichment; behavior; management.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1.	Nível de liberdade de circulação dos gatos domiciliados no município de Areia-PB.....	29
Figura 2.	Número de caixas de areia disponibilizadas por domicílio para gatos domiciliados em Areia-PB.....	30
Figura 3.	Percepção dos tutores sobre o escore corporal ideal para gatos (escala de 1 a 5).....	32
Figura 4.	Preferência dos tutores quanto ao tipo de alimentação considerada ideal para gatos domiciliados em Areia-PB.....	33
Figura 5.	Frequência de oferta de alimento aos gatos segundo os tutores participantes do estudo.....	33
Figura 6.	Gatos utilizando prateleiras como recurso de enriquecimento ambiental em residências de Areia-PB.....	38
Figura 7.	Gatos utilizando caixas de papelão como enriquecimento ambiental.....	38
Figura 8.	Exemplos de enriquecimento ambiental com materiais reutilizáveis em lares de Areia-PB.....	39

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Distribuição dos tutores de gatos domiciliados em Areia-PB segundo a faixa etária.....	24
Tabela 2. Nível de escolaridade dos tutores de gatos domiciliados em Areia-PB.....	25
Tabela 3. Renda mensal familiar dos tutores de gatos domiciliados em Areia-PB.....	26
Tabela 4. Número de gatos mantidos por domicílio participante do estudo.....	26
Tabela 5. Condição reprodutiva dos gatos avaliados.....	28

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AAFP	American Association of Feline Practitioners
BEA	Bem-Estar Animal
ISFM	International Society of Feline Medicine
LABEA/UFPR	Laboratório de Bem-Estar Animal da Universidade Federal do Paraná
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
WSAVA	World Small Animal Veterinary Association

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	REVISÃO DE LITERATURA	13
2.1	O ESTUDO DO COMPORTAMENTO.....	16
2.2	ORIGEM E MITOS DO GATO DOMÉSTICO (<i>FELIS CATUS</i>).....	17
2.3	COMPORTAMENTO E MANEJO DO GATO DOMÉSTICO (<i>FELIS CATUS</i>).....	19
2.4	PERCEPÇÃO DOS TUTORES E BEM-ESTAR DE GATOS.....	20
3	METODOLOGIA	22
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	24
4.1	PERFIL DOS TUTORES	24
4.2	AMBIENTE DOMICILIAR E ENRIQUECIMENTO.....	28
4.3	ESTADO NUTRICIONAL E MANEJO ALIMENTAR.....	31
4.4	SAÚDE PREVENTIVA	34
4.5	COMPORTAMENTO E PERCEPÇÃO DE BEM-ESTAR	34
4.6	ESTRATÉGIAS PRÁTICAS E ACÉSSÍVEIS PARA MELHORIA DO BEM-ESTAR DO GATO.....	36
5	CONCLUSÃO	40
	REFERÊNCIAS	42
	ANEXO A – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS TUTORES DE GATOS DOMICILIADOS.....	46

1 INTRODUÇÃO

O bem-estar animal tem se consolidado como um pilar essencial na relação entre humanos e animais sob seus cuidados, seja em ambientes domiciliares, abrigos ou instituições que simulam o meio natural (OIE, 2018). Entre as estratégias voltadas à promoção desse bem-estar, o enriquecimento ambiental ocupa posição de destaque, pois busca proporcionar estímulos que favoreçam a expressão de comportamentos naturais, contribuindo para a saúde física, emocional e social dos animais (Henzel, 2014).

No contexto da convivência humano-animal, a presença de gatos domésticos em lares brasileiros tem aumentado significativamente nas últimas décadas, consolidando-os como parte integrante da rotina e da dinâmica familiar (Udell *et al.*, 2023). Segundo a Pesquisa Nacional de Saúde (2019) do IBGE, aproximadamente 19,3% dos domicílios brasileiros possuíam pelo menos um gato, o que representa cerca de 14,1 milhões de residências com gatos (IBGE, 2019). Em estimativa anterior (2013), a população de gatos domiciliares foi avaliada em 22,1 milhões de indivíduos em todo o Brasil (IBGE, 2013). Já no setor pet, dados da ABINPET indicam que existem cerca de 33,6 milhões de gatos de estimação no país, compondo parte de um total estimado de 167,6 milhões de pets (ABINPET, 2022). Essas cifras demonstram o peso social e populacional dos gatos domésticos no Brasil contemporâneo.

Embora esses animais vivam em ambientes protegidos, os gatos continuam apresentando necessidades etológicas fundamentais, como explorar, escalar, arranhar e brincar, que refletem comportamentos naturais de caça e marcação territorial. Quando essas demandas não são devidamente atendidas, podem ocorrer quadros de estresse e alterações comportamentais, comprometendo o bem-estar e a estabilidade social dos indivíduos (Stella; Croney, 2016). Em domicílios com múltiplos gatos, a competição por recursos — como locais de descanso, caixas de areia, comedouros e pontos de observação — tende a intensificar conflitos e favorecer a manifestação de comportamentos indesejados, como vocalizações excessivas, arranhadura inadequada e eliminação fora da caixa de areia (Amat *et al.*, 2009; Buffington *et al.*, 2014; Crowell-Davis; Curtis; Knowles, 2004). Assim, a adequação do ambiente e a correta distribuição dos recursos são fatores essenciais para promover equilíbrio comportamental e prevenir a tensão intergatícia. Uma das estratégias mais

eficazes para prevenir e minimizar esses problemas é a aplicação de práticas de enriquecimento ambiental, que incluem a oferta de prateleiras, arranhadores, brinquedos interativos, caixas de papelão e outras ferramentas de estimulação comportamental. Apesar da sua eficácia, tais medidas ainda são pouco difundidas entre tutores, que muitas vezes recorrem à criação de gatos com livre acesso à rua, acreditando ser essa a forma mais adequada de garantir liberdade e bem-estar, prática que, no entanto, expõe os animais a riscos significativos e não atende integralmente às suas necessidades (Tan; Stellato; Niel, 2020).

Diante desse cenário, compreender como tutores percebem e aplicam o manejo ambiental de seus gatos, especialmente em regiões com menor acesso à informação, torna-se fundamental.

Ademais, este trabalho tem como objetivo geral avaliar o bem-estar de gatos domiciliados no município de Areia-PB a partir da caracterização do perfil dos tutores, das condições ambientais, do manejo nutricional, da saúde preventiva e da percepção de comportamento. De forma específica, buscou-se: (1) descrever o perfil socioeconômico e de manejo dos domicílios com gatos; (2) aplicar e adaptar um protocolo de avaliação de bem-estar baseado no modelo do Laboratório de Bem-Estar Animal da Universidade Federal do Paraná (LABEA/UFPR); (3) analisar a associação entre número de gatos, recursos de enriquecimento ambiental e escores de bem-estar; e (4) propor estratégias viáveis e acessíveis de manejo ambiental, capazes de equilibrar as necessidades etológicas dos gatos às condições socioeconômicas de seus tutores.

2 REVISÃO DE LITERATURA

A convivência entre humanos e animais remonta a milhares de anos. Essa relação interespecie acompanhou o processo civilizatório humano, desde a fixação até a expansão territorial. Há registros de domesticação de cães e gatos datados de milênios (Alves; Steyer, 2019). A domesticação e a coevolução moldaram o cuidado e o comportamento humano em relação aos animais por séculos (Sumiya *et al.*, 2024).

O bem-estar animal (BEA) é uma ciência interdisciplinar que integra áreas como etologia, fisiologia e psicologia, além de considerar aspectos socioeconômicos, culturais, religiosos, éticos e políticos (Veissier; Miele, 2014; Maldonado; Garcia, 2015). Organizações internacionais como a *World Small Animal Veterinary Association* (WSAVA) e a *International Society of Feline Medicine* (ISFM) reforçam que o bem-estar deve ser entendido como parte integrante da saúde animal, destacando não apenas parâmetros clínicos, mas também aspectos emocionais e comportamentais.

Uma das definições mais utilizadas é a proposta por Broom (1986), que entende o bem-estar como o estado do indivíduo frente às suas tentativas de se adaptar ao ambiente em que está inserido (Andrioli *et al.*, 2020; Bond *et al.*, 2012; Braga *et al.*, 2018; Honorato *et al.*, 2012; Miranda *et al.*, 2013). Entretanto, tal definição tem sido considerada limitada por autores como Mellor (2016) e Fraser (2008), por priorizar a adaptação fisiológica, sem contemplar de forma plena os estados emocionais do animal.

Em 1965, Roger Brambell apresentou as chamadas Cinco Liberdades, que se consolidaram como um marco no bem-estar animal, orientando práticas de manejo em diferentes espécies (Barboza, 2021). Desde então, esse modelo vem sendo amplamente utilizado, inclusive em animais de companhia. De acordo com Brambell, (1965) e Henzel (2014) as Cinco Liberdades incluem:

1. Livre de fome e sede: acesso contínuo a alimento e água em quantidade e qualidade adequadas. Garantindo dieta nutricionalmente balanceada e adaptada às necessidades da espécie.

2. Livre de desconforto: oferecer ao animal condições ambientais apropriadas, como abrigo contra intempéries, conforto térmico e locais confortáveis para descanso. Para os gatos, isso envolve proporcionar áreas elevadas, prateleiras e espaços onde possam se refugiar.
3. Livre de dor, lesões e doenças: ênfase não apenas no tratamento, mas também na prevenção por meio de vacinação, exames e acompanhamento veterinário.
4. Livre para expressar comportamento natural: permitir que os animais expressem comportamentos inerentes à sua espécie, como arranhar, explorar, se esconder, brincar, caçar brinquedos ou interagir socialmente.
5. Livre de medo e estresse: garantia de condições que minimizem sofrimentos psicológicos, como barulhos intensos, interações forçadas ou confinamento inadequado.

Apesar de sua importância, o modelo das Cinco Liberdades é frequentemente criticado por ser limitado, uma vez que se concentra mais na ausência de sofrimento do que na promoção ativa de experiências positivas (Mellor, 2016). Para suprir essa lacuna, surgiu o modelo dos Cinco Domínios, que acrescenta uma dimensão subjetiva ao bem-estar animal.

De acordo com Mellor (2016) os Cinco Domínios são:

1. Nutrição: oferta de alimento e água de qualidade, adequados ao estado fisiológico e à espécie, prevenindo tanto deficiências quanto excessos.
2. Ambiente: abrange desde o espaço físico até fatores como conforto térmico, luminosidade e enriquecimento ambiental, reconhecendo que o contexto em que o animal vive influencia diretamente seu bem-estar.
3. Saúde: compreende a prevenção e o tratamento de doenças, mas também o manejo que minimize riscos e promova qualidade de vida.
4. Comportamento: oportunidade de expressar comportamentos naturais, como brincar, explorar e interagir. Diferente das liberdades, aqui há ênfase no valor positivo desses comportamentos para a vida do animal.
5. Estado mental: este é o grande avanço do modelo, pois considera as experiências subjetivas do animal, incluindo emoções negativas (medo,

ansiedade, frustração) e positivas (prazer, curiosidade, contentamento). Essa perspectiva reconhece que o bem-estar não é apenas ausência de sofrimento, mas também presença de vivências enriquecedoras.

Além do modelo dos Cinco Domínios, o bem-estar do gato também depende das condições ambientais que permitem a expressão dos comportamentos naturais e o equilíbrio emocional da espécie. As Diretrizes de Tensão Intergatícia da AAFP - American Association of Feline Practitioners (Rodan *et al.*, 2024) descrevem os Cinco Pilares de um Ambiente Felino Saudável, que servem como base prática para a promoção do bem-estar e prevenção de estresse e conflitos entre gatos.

Os cinco pilares são:

1. Locais seguros: Espaços onde o gato possa se abrigar, descansar e observar o ambiente de forma tranquila são essenciais para a sensação de controle e segurança. Prateleiras, caixas e tocas elevadas são exemplos adequados.
2. Recursos essenciais distribuídos: Itens como comedouros, bebedouros, caixas de areia e locais de descanso devem ser disponibilizados em diferentes áreas, evitando competição e favorecendo o acesso equitativo entre os indivíduos.
3. Estímulo ao comportamento predatório: Oportunidades de caça simulada, por meio de brinquedos e atividades interativas, permitem que o gato expresse comportamentos naturais, prevenindo tédio e promovendo bem-estar físico e mental.
4. Interações humanas positivas: O contato com o tutor deve ocorrer de forma respeitosa e previsível, permitindo que o gato escolha quando interagir. Relações baseadas em reforço positivo fortalecem o vínculo e reduzem o estresse.
5. Preservação do ambiente sensorial: O olfato é fundamental para o equilíbrio e a comunicação felina. O ambiente deve evitar odores intensos ou produtos que eliminem marcações olfativas, preservando a familiaridade do espaço.

Assim, enquanto as Cinco Liberdades estabelecem direitos mínimos que visam prevenir o sofrimento, os Cinco Domínios ampliam essa visão ao incluir os estados mentais e as emoções positivas na avaliação do bem-estar. Complementarmente, os Cinco Pilares de um Ambiente Felino Saudável, propostos pela AAFP (Rodan *et al.*, 2024), traduzem esses conceitos em práticas ambientais concretas, fundamentais para garantir a expressão dos comportamentos naturais e a estabilidade emocional dos gatos.

Para gatos domiciliados, essa evolução conceitual é especialmente relevante, pois sua saúde física e mental dependem diretamente da qualidade do ambiente, da previsibilidade das rotinas e das interações estabelecidas com seus tutores. De acordo com o CONCEA (2021), o bem-estar animal deve ser compreendido como uma condição fisiológica e psicológica na qual o animal é capaz de se adaptar ao ambiente, satisfazendo suas necessidades e desenvolvendo suas habilidades de acordo com sua natureza.

2.1 O ESTUDO DO COMPORTAMENTO

O comportamento é um aspecto essencial da vida, influenciado pelo ambiente externo e capaz de promover adaptações ao longo do tempo. Na psicologia, Bergner (2011) define o comportamento como um sistema composto por emissor, motivação, distinção, competência, performance, resultado, variação e significado. Já para Aguiar e Nunes (2024), o comportamento representa a forma pela qual o indivíduo expressa suas predisposições biológicas e emocionais em resposta ao ambiente.

O estudo do comportamento animal, ou etologia, surgiu formalmente como ciência na década de 1930, com pesquisadores como Konrad Lorenz, Nikolaas Tinbergen e Karl von Frisch, que foram pioneiros na observação sistemática e na interpretação biológica das condutas animais (Broom e Fraser, 2015). Desde então, a etologia tem se expandido e se consolidado como uma área essencial para compreender a adaptação das espécies, suas necessidades e a forma como percebem e interagem com o meio.

O comportamento é resultado da interação entre fatores genéticos, fisiológicos, ambientais e sociais. Ele expressa tanto as necessidades internas do indivíduo quanto as respostas às condições externas, refletindo sua capacidade de adaptação e equilíbrio. Dessa forma, o comportamento funciona como um importante indicador do

estado de bem-estar, sendo capaz de revelar alterações físicas, emocionais e cognitivas que podem passar despercebidas em avaliações puramente clínicas (Mendl; Burman; Paul, 2010).

Atualmente, o estudo do comportamento animal também incorpora princípios da neurociência, da psicologia comparada e da ciência do bem-estar, ampliando a compreensão sobre como os animais experimentam emoções, aprendem e se ajustam ao ambiente. A observação atenta do comportamento permite identificar padrões normais e anormais, compreender suas causas e propor intervenções que promovam uma melhor adaptação. Assim, a etologia aplicada é considerada uma ferramenta essencial para o manejo responsável e para a promoção do bem-estar nas diversas espécies domésticas e silvestres (Broom; Fraser, 2015).

A publicação de Jeanne Altmann, “Estudos de observação do comportamento: métodos de amostragem”, sistematizou formas de coleta e análise de dados, fortalecendo a base metodológica da etologia. O comportamento instintivo, estudado por Oskar Heinroth e Julian Huxley no início do século XX, desenvolve-se ao longo da evolução das espécies e caracteriza diferentes táxons (Danchin *et al.*, 2010). Os etogramas criados por esses autores consistem em descrições detalhadas dos elementos comportamentais de uma espécie e são fundamentais para a quantificação do comportamento (Del Claro, 2004; Freitas; Nishida, 2007).

O estudo científico do comportamento natural com abordagem biológica foi denominado Etologia (Danchin *et al.*, 2010). A coleta e análise dos dados comportamentais permitem compreender melhor as necessidades da espécie, subsidiando a inserção de enriquecimentos ambientais adequados. Para isso, considera-se o habitat natural, hábitos alimentares, interações sociais e outras variáveis relevantes.

2.2 ORIGEM E MITOS DO GATO DOMÉSTICO (*Felis catus*)

A história do gato doméstico está intimamente ligada à convivência humana, mas não representa um processo de domesticação completa, e sim uma associação gradual e ainda em andamento. Evidências arqueológicas indicam que os primeiros registros de convivência entre humanos e gatos datam de aproximadamente 9.500

anos, a partir de um sepultamento conjunto em Shillourokambos, no Chipre (Vigne *et al.*, 2004; Driscoll *et al.*, 2009). Nesse período, felinos selvagens passaram a frequentar assentamentos agrícolas em busca de roedores, estabelecendo uma relação de comensalismo que beneficiava ambas as espécies.

Diferentemente de outras espécies domésticas, como o cão, que passou por intenso processo de seleção artificial, o gato foi se aproximando dos humanos de forma espontânea e natural, mantendo grande parte de seus comportamentos originais. Estudos genômicos confirmam que o *Felis catus* ainda compartilha alto grau de semelhança genética com seus ancestrais selvagens, o que reforça a ideia de que o processo de domesticação permanece em curso (Montague *et al.*, 2014; Serpell, 2019). Essa condição explica por que os gatos continuam a demonstrar forte independência, instintos de caça e capacidade de adaptação à vida livre.

Ao longo da história, o gato também foi envolto em mitos, crenças e representações simbólicas que revelam o modo como diferentes culturas compreenderam sua natureza ambígua — entre o sagrado e o profano. No Egito Antigo, era venerado como símbolo de fertilidade, proteção e equilíbrio, associado à deusa Bastet (Malek, 2006). Já na Idade Média europeia, sobretudo durante a Inquisição, os gatos foram injustamente relacionados à feitiçaria e ao azar, levando à perseguição de muitas populações felinas. Conforme analisam Machado e Paixão (2014), essas representações refletem tanto o medo quanto o fascínio despertado pelo gato, frequentemente associado à independência e à sensibilidade — características que contrastavam com os valores humanos dominantes de cada época. Em algumas culturas contemporâneas, traços desses mitos ainda persistem, influenciando atitudes de rejeição ou superstições, especialmente em relação aos gatos pretos.

Analisar essa trajetória histórica e simbólica é essencial para a medicina veterinária e o estudo do bem-estar, pois permite interpretar como a percepção humana sobre os gatos influencia seu manejo, sua aceitação cultural e a forma como suas necessidades são reconhecidas e atendidas.

2.3 COMPORTAMENTO E MANEJO DO GATO DOMÉSTICO (*Felis catus*)

O comportamento do gato doméstico é resultado de sua adaptação às condições ambientais e à convivência com os humanos. Embora mantenha traços comportamentais de seus ancestrais selvagens, o gato apresenta grande capacidade de ajuste social e emocional conforme o ambiente em que vive. É considerado um animal gregário facultativo, ou seja, possui flexibilidade em seu comportamento social: pode viver solitariamente ou estabelecer interações sociais estáveis de acordo com a disponibilidade de recursos e a previsibilidade do meio (Vitale Shreve *et al.*, 2022; Pongrácz *et al.*, 2018). O gato doméstico apresenta comportamentos típicos como caçar, escalar, pular, arranhar e vocalizar (Ley; Seksel, 2016). Em grupos, podem ser observados comportamentos afiliativos como *allogrooming* (lambadura mútua), *allorubbing* (esfregar cabeça e corpo), *entrelaçar caudas*, *resting touch* (dormir juntos) e *nose touch* (tocar os focinhos) (Heath; Wilson, 2014). Essas interações evidenciam a capacidade do gato de formar vínculos positivos e cooperativos com outros indivíduos, desde que o ambiente favoreça relações estáveis.

A socialidade felina é complexa e baseada em interações sutis, mediadas principalmente por comunicação visual, postural, vocal e olfativa. Gatos utilizam expressões faciais, posição de orelhas e cauda e marcações de cheiro para transmitir intenções e estados emocionais. A leitura desses sinais é essencial para compreender o bem-estar e evitar situações de estresse. Segundo as Diretrizes de Tensão Intergatícia da AAFP (Rodan *et al.*, 2024), muitos sinais de desconforto entre gatos passam despercebidos, manifestando-se de forma discreta — como evitar contato, bloquear passagem ou revezar o uso de recursos. Identificar e manejar essas situações precocemente é fundamental para prevenir conflitos e garantir a harmonia no ambiente doméstico.

Um manejo ambiental adequado deve considerar a distribuição equilibrada de recursos, como caixas de areia, comedouros e bebedouros, preferencialmente em áreas separadas e de fácil acesso. O fornecimento de rotas de fuga, prateleiras e locais elevados permite que o gato exerça seu comportamento exploratório e de vigilância, reduzindo a tensão e promovendo sensação de segurança. O uso de enriquecimento ambiental — brinquedos, arranhadores, esconderijos e estímulos sensoriais — também contribui para a expressão de comportamentos naturais e melhora a qualidade de vida (Moura *et al.*, 2020).

Vale ressaltar que, quando domiciliados, os gatos tendem a apresentar maior longevidade e menor risco de doenças e acidentes, com redução na incidência de parasitoses, esporotricose, FIV, FELV, traumas e brigas. A manutenção em ambiente controlado também possibilita o controle reprodutivo e contribui para a preservação da fauna local, reduzindo o impacto da predação sobre aves e pequenos mamíferos (Slater, 2004; Serpell, 2019; Moura *et al.*, 2020; Cruz *et al.*, 2019). Essa condição, aliada ao manejo ambiental adequado, favorece não apenas a saúde física, mas também o equilíbrio comportamental e emocional dos gatos domésticos.

O manejo físico e clínico dos gatos requer sensibilidade e respeito ao ritmo do animal. No ambiente veterinário, o manejo “cat friendly” prioriza a redução de estímulos estressantes, o uso de reforço positivo e a manipulação suave e gradual, evitando a contenção forçada. Tais práticas reduzem o medo e aumentam a colaboração durante os procedimentos (Rodan *et al.*, 2024). Dantas *et al.* (2017) reforçam que o manejo empático e adaptado às particularidades individuais é determinante para o bem-estar, especialmente em contextos clínicos e de socialização.

Reconhecer o comportamento do gato e adaptar o ambiente às suas preferências reflete um cuidado que vai além do físico, abrangendo também aspectos emocionais. Apesar de sua imagem independente, o gato depende de um ambiente previsível, seguro e estimulante para expressar plenamente seu repertório comportamental e manter o equilíbrio entre bem-estar e convivência harmoniosa.

2.4 PERCEPÇÃO DOS TUTORES E BEM-ESTAR DE GATOS

A percepção dos tutores é um fator determinante para o bem-estar dos gatos, uma vez que influencia diretamente o manejo, o acesso a cuidados veterinários e a adoção de práticas de enriquecimento ambiental. Estudos demonstram que muitos tutores apresentam dificuldades em reconhecer sinais sutis de dor ou estresse em gatos (Ellis *et al.*, 2013; Rodan, 2015).

Pesquisas internacionais apontam que, enquanto veterinários tendem a identificar alterações comportamentais precoces, tutores leigos frequentemente subestimam ou interpretam de forma equivocada esses sinais (WSAVA, 2020; ISFM, 2022). Essa discrepância pode comprometer a qualidade de vida dos animais, já que

a busca por atendimento ocorre muitas vezes em estágios avançados de doença ou sofrimento.

No Brasil, a literatura ainda é escassa sobre a percepção dos tutores de gatos. Essa lacuna é relevante, pois o contexto sociocultural pode impactar a forma como os sinais de bem-estar ou desconforto são interpretados. Dessa forma, estudos que avaliem como diferentes perfis de tutores percebem o bem-estar do gato são fundamentais para subsidiar campanhas educativas e estratégias de saúde pública veterinária.

A forma como os tutores percebem e se relacionam com seus gatos tem se transformado nas últimas décadas, acompanhando um processo crescente de humanização dos animais de companhia. Embora essa aproximação emocional fortaleça o vínculo afetivo, ela também pode gerar interpretações equivocadas sobre as necessidades e comportamentos dos gatos, levando a práticas que comprometem o bem-estar físico e psicológico. Quando os gatos são tratados como pequenos humanos e privados de expressar comportamentos típicos da espécie, como explorar, escalar e interagir livremente, há maior risco de frustração, ansiedade e estresse. A imposição de vestimentas, o confinamento excessivo e a superprotetividade emocional são exemplos de condutas que podem prejudicar tanto a saúde mental quanto física dos gatos, favorecendo o sedentarismo e a diminuição de estímulos ambientais (Rodan *et al.*, 2024; CRMV-MT, 2025). De acordo com Melo (2021), pesquisas voltadas ao manejo “cat friendly” destacam que o respeito às particularidades etológicas da espécie é essencial para reduzir respostas de medo e promover equilíbrio emocional.

Avaliar a percepção dos tutores é fundamental não apenas para o avanço da medicina felina, mas também para o desenvolvimento de políticas e ações voltadas ao bem-estar animal em escala populacional. O bem-estar dos gatos é influenciado por fatores objetivos, como saúde, ambiente e nutrição, e por aspectos subjetivos, relacionados aos estados mentais e emocionais. Apesar dos avanços na área, a percepção dos tutores ainda representa um ponto sensível, especialmente diante da escassez de estudos que explorem esse tema no contexto brasileiro. Dessa forma, a presente pesquisa busca contribuir para preencher essa lacuna, avaliando de maneira sistemática como tutores com diferentes perfis compreendem e interpretam o bem-estar de seus gatos por meio de um questionário direcionado (Martins; Molento; Hötzel, 2013; Santos *et al.*, 2024).

3 METODOLOGIA

Este estudo foi desenvolvido no município de Areia, estado da Paraíba, tendo como população-alvo os tutores de gatos domiciliados, residentes na área urbana da cidade, o município representa um exemplo pertinente para esse estudo, pois evidencia indicadores como conhecimento sobre o assunto, nível de escolaridade e uma realidade socioeconômica que pode influenciar diretamente no cuidado e no bem-estar dos animais domiciliados.

Foram incluídos apenas os domicílios que possuíam entre um e cinco gatos, a fim de representar a realidade da maioria dos lares brasileiros e permitir a comparação entre diferentes composições populacionais. Foram excluídos gatis, abrigos e instituições de acolhimento, visto que apresentam condições de manejo distintas das encontradas em residências particulares.

A coleta de dados foi realizada por meio da aplicação de um questionário estruturado aos tutores, elaborado na plataforma Google Forms e disponibilizado online, contemplando informações sociodemográficas (como renda familiar, escolaridade e número de moradores) e práticas de manejo relacionadas ao enriquecimento ambiental. Foram abordados, por exemplo, a presença de arranhadores, prateleiras, caixas de papelão, brinquedos interativos e o acesso a áreas elevadas. Questionários desse tipo já se mostraram instrumentos eficazes na avaliação de bem-estar em gatos domiciliados, permitindo a análise integrada de fatores ambientais, comportamentais e de saúde (Rochlitz, 2005).

Para avaliação do bem-estar, foi utilizado um protocolo adaptado a partir do modelo desenvolvido pelo Laboratório de Bem-Estar Animal da Universidade Federal do Paraná (LABEA/UFPR), ajustado para a realidade de domicílios. O protocolo contemplou quatro eixos principais: nutrição, conforto, saúde e comportamento, seguindo recomendações já estabelecidas na literatura científica para avaliação objetiva do bem-estar de gatos (Ellis *et al.*, 2013).

- Nutrição: foram observados o escore corporal (escala de 1 a 5), a disponibilidade de água fresca e a qualidade percebida da alimentação ofertada.

- Conforto: foram avaliados o espaço físico disponível por gato, a existência de áreas elevadas, arranhadores e superfícies adequadas para descanso.
- Saúde: foram considerados o histórico vacinal e vermifugação, a presença de sinais clínicos e o acesso regular a acompanhamento veterinário, incluindo check-ups preventivos.
- Comportamento: foram investigadas as interações sociais entre gatos e humanos, frequência de comportamentos exploratórios e uso de brinquedos (Casey *et al.*, 2009).

Embora o questionário aplicado tenha abrangido um número maior de perguntas, para esta análise foram selecionadas aquelas mais pertinentes aos objetivos do estudo. Assim, a discussão priorizou questões relacionadas ao perfil dos tutores, nutrição, ambiente domiciliar, saúde preventiva e percepção de bem-estar, deixando os demais itens disponíveis apenas em anexo para consulta.

Ao todo, foram obtidas 76 respostas válidas, que constituíram a base para as análises realizadas. Os dados foram tratados de forma quantitativa e qualitativa, priorizando a interpretação das respostas fornecidas pelos tutores. Os resultados permitiram identificar fatores de risco e práticas de manejo que puderam estar associados a sinais de estresse ou a déficits de bem-estar.

A credibilidade do estudo foi garantida pela utilização de indicadores validados e adaptados ao contexto domiciliar, com base em protocolos já aplicados em pesquisas de bem-estar de gatos (Stella; Croney, 2016).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 PERFIL DOS TUTORES

A amostra considerada nesta seção foi composta por 76 tutores. Observou-se predominância de adultos jovens, especialmente na faixa de 18 a 25 anos, que representou 63,2% do total, seguida por 26 a 33 anos (25,0%). As demais faixas etárias apresentaram menor participação (Tabela 1). Ao analisar os grupos separadamente, verificou-se que a maioria dos tutores com vínculo com a Medicina Veterinária encontra-se na faixa mais jovem, enquanto entre os sem vínculo há maior dispersão etária. Esse padrão é coerente com o contexto da pesquisa, realizada em uma cidade universitária, e reflete a presença expressiva de estudantes de Medicina Veterinária. Ainda assim, o perfil etário identificado é semelhante ao descrito em outros estudos sobre tutores de animais de companhia, que frequentemente registram maior engajamento de adultos jovens (Martins *et al.*, 2013).

Tabela 1. Distribuição dos tutores de gatos domiciliados em Areia-PB segundo a faixa etária.

Faixa etária	n	%	Com vínculo	Sem vínculo
18–25	48	63,2%	89,7%	36,69%
26–33	19	25,0%	7,7%	39,09%
34–41	3	3,9%	2,6%	4,99%
42–49	3	3,9%	0%	12,29%
50–57	2	2,6%	0%	4,99%
58–65	0	0%	0%	0,09%
66–69	1	1,3%	0%	2,49%

Fonte: Dados da pesquisa (2025)

Conforme apresentado na Tabela 2, observou-se predominância de tutores com ensino superior incompleto (63,2%), seguidos por aqueles com ensino superior completo (27,6%). Frequências menores corresponderam a ensino médio completo (6,6%), ensino médio incompleto (1,3%) e ensino fundamental completo (1,3%), não havendo registros de ensino fundamental incompleto. Ao se considerar a divisão entre grupos, verifica-se que o ensino superior incompleto concentra a maioria dos participantes com vínculo à Medicina Veterinária, enquanto entre os sem vínculo há

maior representatividade de tutores com ensino superior completo. Essa diferença reforça a influência do contexto universitário na composição da amostra, refletindo o perfil de estudantes e profissionais em formação. Ainda assim, os dados indicam uma amostra com elevado nível de escolarização, o que tende a favorecer maior sensibilização e interesse por temas relacionados à saúde e ao bem-estar animal.

Tabela 2. Nível de escolaridade dos tutores de gatos domiciliados em Areia-PB.

Escolaridade	n	%	Com vínculo	Sem vínculo
Fundamental completo	1	1,3%	0%	2,79%
Fundamental incompleto	0	0,0%	0%	0,09%
Médio completo	5	6,6%	0%	13,59%
Médio incompleto	1	1,3%	0%	2,79%
Superior completo	21	27,6%	7,7%	48,69%
Superior incompleto	48	63,2%	92,3%	32,49%

Fonte: Dados da pesquisa (2025)

Em relação ao vínculo com a Medicina Veterinária, 51,3% dos participantes declararam cursar ou ser formados na área, enquanto 48,7% não possuíam vínculo. Esse resultado reflete o caráter universitário do município de Areia-PB e explica a expressiva participação de estudantes e profissionais da área entre os respondentes. Tal característica pode influenciar a familiaridade com práticas de manejo, cuidados preventivos e aspectos relacionados ao comportamento e bem-estar animal. Contudo, a análise comparativa entre os grupos buscou controlar esse fator, permitindo avaliar possíveis diferenças de percepção e manejo entre tutores com e sem formação específica.

A renda mensal familiar concentrou-se majoritariamente nas faixas inferiores: até R\$ 2.850 (69,7%), seguida por R\$ 2.850,01–R\$ 4.700 (11,8%) e R\$ 4.700,01–R\$ 8.600 (10,5%), sendo as faixas mais altas menos representativas (Tabela 3). Observou-se que a maior parte dos tutores com vínculo à Medicina Veterinária situava-se nas faixas de renda mais baixas, característica compatível com o perfil de estudantes universitários. Entre os tutores sem vínculo, houve distribuição mais

equilibrada entre as faixas de renda. Esse panorama socioeconômico contribui para contextualizar, adiante, possíveis diferenças no acesso a serviços e nas práticas de manejo dos gatos.

Tabela 3. Renda mensal familiar dos tutores de gatos domiciliados em Areia-PB.

Faixa de renda	n	%	Com vínculo	Sem vínculo
Até R\$ 2.850	53	69,7%	76,9%	62,29%
R\$ 2.850,01 – R\$ 4.700	9	11,8%	7,7%	16,29%
R\$ 4.700,01 – R\$ 8.600	8	10,5%	7,7%	13,59%
R\$ 8.600,01 – R\$ 12.000	3	3,9%	2,6%	5,49%
Acima de R\$ 12.000,01	3	3,9%	5,1%	2,79%

Fonte: Dados da pesquisa (2025)

No que se refere ao número de gatos por domicílio, após padronização de respostas plausíveis (1 a 5 animais por residência), foram contabilizados 140 gatos em 76 lares. A distribuição foi: 1 gato (51,3%), 2 (25,0%), 3 (15,8%), 4 (3,9%) e 5 (3,9%) gatos, com média de 1,84 gato por domicílio (mediana = 1; moda = 1; Tabela 4). A análise comparativa indicou que tanto tutores com quanto sem vínculo com a Medicina Veterinária apresentaram proporções semelhantes de gatos por residência, o que sugere perfil de posse responsável independente da formação acadêmica.

Tabela 4. Número de gatos mantidos por domicílio participante do estudo.

Nº de gatos	n	%	Com vínculo	Sem vínculo
1	39	51,3%	52,6%	52,8%
2	19	25,0%	28,9%	22,2%
3	12	15,8%	15,8%	16,7%
4	3	3,9%	2,6%	5,6%
5	3	3,9%	0%	2,8%

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

A condição reprodutiva foi informada para 124 dos 140 gatos avaliados. Entre os animais com informação disponível, 81,5% estavam castrados, enquanto 18,5% não haviam sido submetidos ao procedimento. Considerando o total da amostra, os percentuais correspondem a 72,1% de castrados e 16,4% de não castrados, com 11,4% de dados não informados (Tabela 5). A análise revelou proporções elevadas de castração tanto entre tutores com vínculo com a Medicina Veterinária (71,9%) quanto entre aqueles sem vínculo (78,0%), sugerindo que o acesso aos serviços locais e a difusão de informações sobre o manejo reprodutivo ultrapassam o contexto acadêmico.

Esse elevado índice de castração pode estar associado ao contexto sociocultural de Areia-PB, cidade reconhecida como universitária e sede do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). O campus dispõe de um hospital veterinário público, que oferece serviços de prevenção e manejo reprodutivo a custos reduzidos ou mesmo gratuitos, ampliando o acesso dos tutores a esse tipo de cuidado. Esse cenário provavelmente contribuiu para a alta taxa de castração observada, uma vez que estudos apontam que a disponibilidade de serviços veterinários acessíveis e o conhecimento à cerca dos benefícios da castração estão diretamente relacionadas à maior adesão dos tutores ao procedimento (Stella; Croney, 2016; Oliveira *et al.*, 2020).

Além de controlar a superpopulação de gatos, a castração está diretamente ligada à promoção do bem-estar, reduzindo riscos de doenças reprodutivas, brigas e comportamentos indesejados como marcação territorial e vocalização excessiva (Oliveira *et al.*, 2020). Nesse sentido, os achados reforçam a importância de políticas públicas e iniciativas acadêmicas na difusão de práticas de manejo responsável, sobretudo em municípios de pequeno porte que contam com instituições de ensino superior na área veterinária.

Tabela 5. Condição reprodutiva dos gatos avaliados.

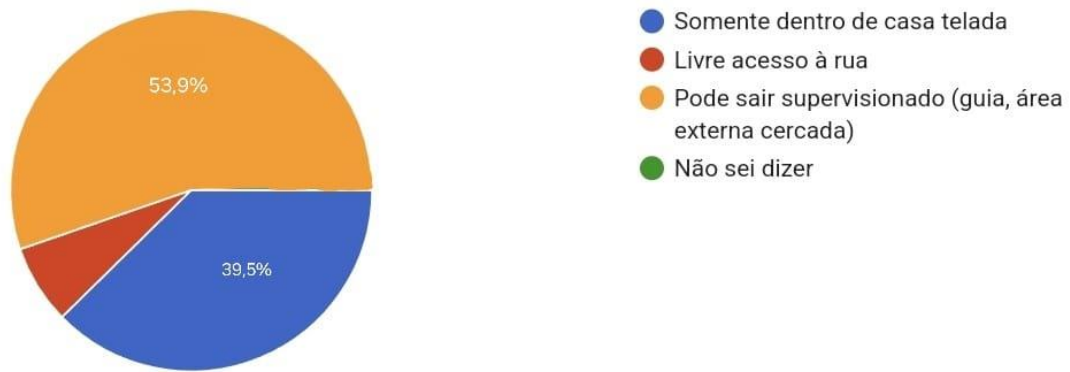
Condição reprodutiva	n	% (entre 124)	% (total 140)	Com vínculo	Sem vínculo
Castrados	101	81,5%	72,1%	71,9%	78%
Não castrados	23	18,5%	16,4%	15,6%	16,7%
Não informado	16	–	11,4%	12,5%	5,4%

Fonte: Dados da pesquisa (2025)

4.2 AMBIENTE DOMICILIAR E ENRIQUECIMENTO AMBIENTAL

A respeito da liberdade de circulação (seção 1 - Q1), observou-se que a maioria dos tutores restringe o acesso irrestrito às ruas, permitindo apenas saídas supervisionadas (53,9%) ou mantendo os gatos exclusivamente dentro de ambientes telados (39,5%). Apenas 6,6% relataram permitir livre acesso (Figura 1). Esse dado é relevante porque a permanência irrestrita em ambientes externos está associada a maiores riscos de acidentes como atropelamentos, intoxicações, doenças infecciosas e disputas territoriais (Rochlitz, 2000; Slater, 2004). Por outro lado, restrições excessivas, quando não acompanhadas de recursos de enriquecimento, podem favorecer o surgimento de estresse e comportamentos indesejados, como lambedura excessiva e vocalizações persistentes (Amat; Camps; Manteca, 2016). Nesse sentido, as práticas observadas entre os tutores de Areia-PB parecem caminhar para um equilíbrio entre segurança física e bem-estar psicológico, mas sua efetividade depende diretamente da qualidade do ambiente interno oferecido.

Figura 1. Nível de liberdade de circulação dos gatos domiciliados no município de Areia-PB.



Fonte: Dados da pesquisa (2025).

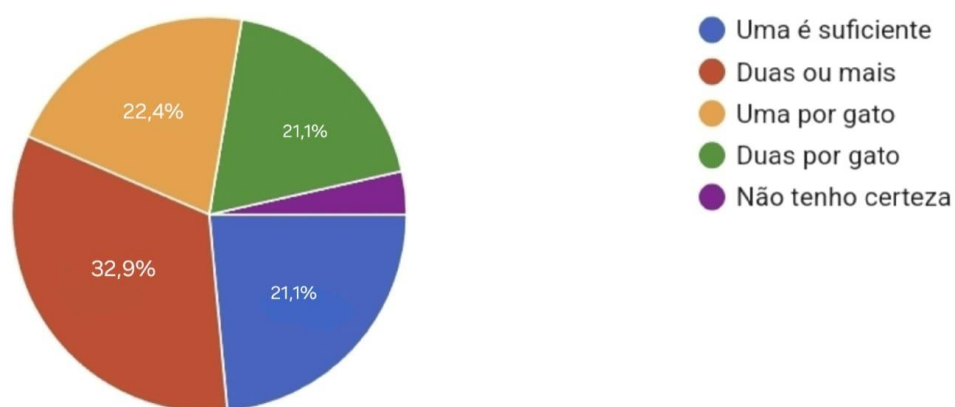
Quanto aos itens presentes no ambiente domiciliar (seção 1 – Q4), verificou-se que os mais mencionados pelos tutores foram arranhadores (77,6%), brinquedos (72,4%), janelas para observação (69,7%) e locais elevados (64,5%). Também foram citados, em menor proporção, locais para se esconder (43,4%) e a presença de companhia de outros animais ou pessoas (31,6%). Esses dados revelam que boa parte dos tutores busca atender às necessidades comportamentais dos gatos, oferecendo recursos que possibilitam a expressão de condutas naturais, como arranhar, escalar, observar potenciais presas e explorar diferentes estímulos. Estudos apontam que o uso regular de arranhadores reduz a destruição de móveis, enquanto pontos de observação externos ajudam a mitigar frustração e ociosidade (Amat *et al.*, 2009).

No entanto, a simples presença desses recursos não assegura sua efetividade. Brinquedos sem renovação ou sem interação com o tutor tendem a perder atratividade, favorecendo a monotonia. Além disso, a ausência de variedade ou de estímulos sociais pode contribuir para o desenvolvimento de comportamentos estereotipados, como andar em círculos, automutilação, agressividade redirecionada e hiperatividade noturna (Ellis, 2009). Portanto, mais do que disponibilizar tais itens, é essencial promover sua rotatividade e integrá-los em rotinas de brincadeiras,

fortalecendo o vínculo tutor–gato e potencializando os benefícios do enriquecimento ambiental.

A percepção dos tutores em relação à quantidade adequada de caixas de areia (seção 1 – Q5) mostrou grande heterogeneidade. A maior parte (32,9%) afirmou que “duas ou mais caixas” são suficientes independentemente do número de gatos, enquanto 22,4% consideraram apenas uma caixa adequada. Outros 42,2% apresentaram respostas mais próximas das recomendações técnicas, sendo 21,1% “uma por gato” e 21,1% “duas por gato”. Apenas 2,6% declararam não ter certeza (Figura 2). Diretrizes internacionais recomendam que se disponibilize uma caixa por gato mais uma extra, a fim de reduzir conflitos territoriais e prevenir comportamentos indesejados (Ellis *et al.*, 2013). A literatura aponta ainda que o número insuficiente de caixas de areia está diretamente associado ao surgimento de comportamentos indesejados, como eliminação inapropriada fora da caixa, recusa em utilizar a areia, marcação urinária e até mesmo quadros de cistite idiopática associada ao estresse ambiental (Buffington *et al.*, 2014).

Figura 2. Número de caixas de areia disponibilizadas por domicílio para gatos domiciliados em Areia-PB.



Fonte: Dados da pesquisa (2025).

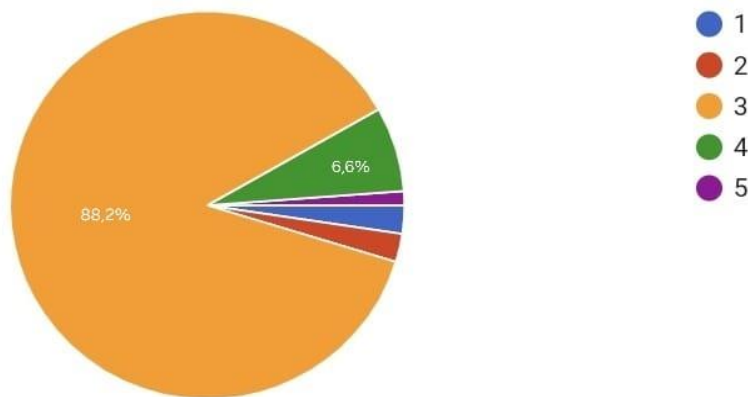
Além da quantidade, a higienização frequente das caixas é um fator determinante para a aceitação do recurso pelos gatos. Animais evitam utilizar caixas sujas, o que aumenta a probabilidade de eliminação em locais inadequados e contribui para o acúmulo de estresse. Recomenda-se que a remoção dos dejetos seja realizada ao menos uma vez ao dia e que a areia seja substituída e a caixa higienizada semanalmente, práticas que reduzem tanto a incidência de problemas comportamentais quanto riscos de doenças infecciosas (Rodan, 2015; Amat *et al.*, 2016).

4.3 ESTADO NUTRICIONAL E MANEJO ALIMENTAR

No que se refere ao escore corporal ideal (seção 2 – Q1), a maioria dos tutores indicou a faixa intermediária como ideal: 3 (88,2%), seguidos de 4 (6,6%), 1 (2,6%), 5 (1,3%) e 2 (1,3%) (Figura 3). Esses achados sugerem uma percepção predominantemente adequada sobre a condição corporal. No entanto, é importante considerar que parte dos participantes possui vínculo com a área veterinária, o que pode ter contribuído para respostas mais alinhadas às recomendações técnicas. Ainda assim, estudos indicam que tutores, de modo geral, tendem a subestimar o sobrepeso no dia a dia, classificando animais acima do ideal como “normais” (German, 2006).

A obesidade é uma das afecções nutricionais mais prevalentes em felinos domiciliados, associando-se a diabetes mellitus, doenças osteoarticulares e redução da longevidade (Freeman *et al.*, 2021). Dessa forma, a educação continuada voltada à avaliação do escore corporal e ao manejo nutricional adequado é essencial, tanto entre profissionais quanto entre tutores, para promover saúde e bem-estar felino.

Figura 3. Percepção dos tutores sobre o escore corporal ideal para gatos (escala de 1 a 5).



Fonte: Dados da pesquisa (2025).

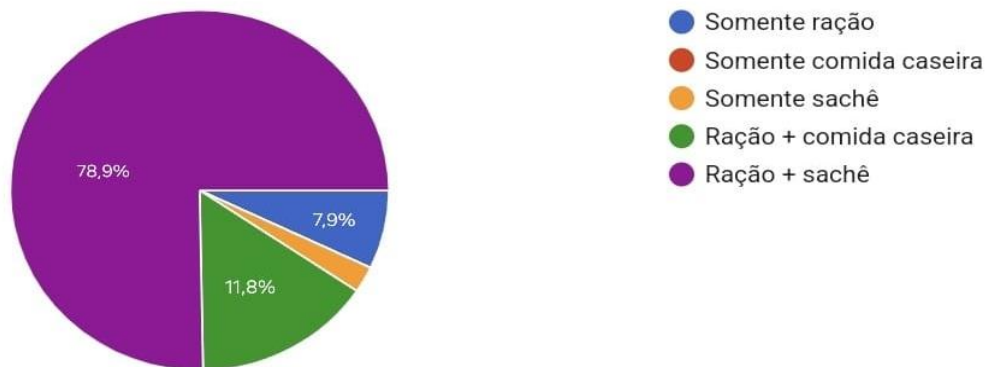
Sobre o tipo de alimentação e a frequência de oferta (seção 2 – Q4 e Q5), observou-se que 78,9% dos tutores consideram ideal a combinação de ração associada a alimento úmido, 11,8% ração associada comida caseira, 7,9% apenas ração e 1,3% somente alimento úmido (Figura 4). Em relação ao fracionamento, 28,9% deixam o alimento disponível ao longo do dia, 27,6% oferecem três refeições, 21,1% quatro refeições, 17,1% duas refeições e 5,3% cinco ou mais refeições (Figura 5).

Esses resultados indicam adesão majoritária à dieta mista, prática que, do ponto de vista nutricional, favorece a hidratação e a palatabilidade quando há oferta regular de alimento úmido. Contudo, é importante considerar que parte dos participantes possui formação ou vínculo com a área veterinária, o que pode ter influenciado escolhas alimentares mais alinhadas às recomendações técnicas. Ainda assim, a prática de oferecer alimento à vontade, embora prática, eleva o risco de ganho ponderal e reduz oportunidades de estimulação comportamental.

O fracionamento em porções controladas auxilia no equilíbrio energético, e sua associação com dieta úmida contribui para um aporte hídrico mais adequado — fator relevante na prevenção de distúrbios urinários (Marks *et al.*, 2022; Ellis *et al.*, 2013; Forcada; Strier, 2014). A inclusão de comida caseira, quando adotada, requer

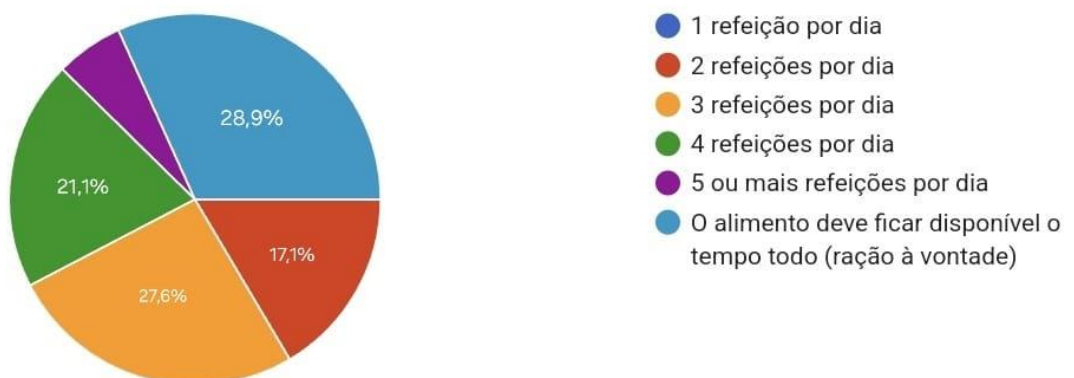
formulação técnica para evitar desequilíbrios nutricionais e intoxicações alimentares (Buffington, 2002).

Figura 4. Preferência dos tutores quanto ao tipo de alimentação considerada ideal para gatos domiciliados em Areia-PB.



Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Figura 5. Frequência de oferta de alimento aos gatos segundo os tutores participantes do estudo.



Fonte: Dados da pesquisa (2025).

4.4 SAÚDE PREVENTIVA

O acompanhamento veterinário regular é um dos pilares para a promoção da saúde e do bem-estar felino. No presente estudo, observou-se que a maioria dos tutores considera importante levar o gato ao médico-veterinário de forma periódica, especialmente em consultas anuais, enquanto uma parcela menor relatou procurar o profissional apenas em situações de doença. Esse achado sugere uma percepção positiva quanto à importância da medicina preventiva, embora parte dessa tendência possa estar associada à presença de tutores com formação ou vínculo com a área veterinária, o que tende a favorecer maior conscientização sobre cuidados regulares.

Consultas periódicas permitem a identificação precoce de enfermidades, o monitoramento do estado nutricional, a atualização de protocolos vacinais e a orientação sobre manejo, promovendo tanto a saúde física quanto o equilíbrio emocional dos animais (Rodan *et al.*, 2011).

Em relação à vacinação, observou-se que a maioria dos tutores reconhece sua importância: 92,1% afirmaram que as vacinas devem ser aplicadas anualmente, enquanto 7,9% indicaram que a vacinação deve ocorrer apenas uma vez ao longo da vida. Esses dados representam um cenário positivo de conscientização dentro do contexto estudado, mas possivelmente influenciado pela presença de indivíduos com maior acesso a informações técnico-científicas. Ainda assim, a existência de uma pequena parcela de tutores com percepções equivocadas reforça a necessidade de ampliar campanhas educativas sobre imunização felina.

A vacinação regular é fundamental para a prevenção de enfermidades de alta morbimortalidade, como a panleucopenia, a rinotraqueíte viral e a calicivirose, além de desempenhar papel essencial no controle de zoonoses, como a raiva (Day *et al.*, 2016; ABCD, 2020). De forma geral, a associação entre acompanhamento veterinário e vacinação periódica constitui um dos pilares da saúde pública, pois contribui para reduzir riscos de adoecimento, aumentar a expectativa de vida e favorecer a manutenção do bem-estar físico e psicológico dos gatos.

4.5 COMPORTAMENTO E PERCEPÇÃO DE BEM-ESTAR

No que se refere ao conhecimento das Cinco Liberdades do Bem-Estar Animal, verificou-se que 46,1% dos tutores afirmaram conhecer claramente o conceito,

enquanto 18,4% já haviam ouvido falar, mas não souberam explicar, e 35,5% declararam nunca ter tido contato prévio com o tema. Esses resultados indicam um nível razoável de familiaridade entre os participantes, possivelmente influenciado pelo contexto universitário e pela presença de respondentes vinculados à Medicina Veterinária. Ainda assim, nota-se que há lacunas relevantes na compreensão ampla do conceito, o que reforça a necessidade de estratégias de educação continuada voltadas ao público geral.

As Cinco Liberdades constituem a base das práticas de manejo destinadas a assegurar condições mínimas de saúde física e psicológica aos animais, contemplando a liberdade de fome e sede, de desconforto, de dor e doença, de medo e estresse, além da oportunidade de expressar comportamentos naturais (Brambell, 1965; Broom, 2011). A compreensão limitada desse conceito pode comprometer a capacidade dos tutores de reconhecer sinais de estresse ou avaliar se o ambiente realmente atende às necessidades etológicas de seus gatos.

Quanto às emoções, a maioria dos participantes reconheceu que os gatos podem sentir medo, ansiedade e tédio, demonstrando percepção compatível com a literatura científica. É importante, contudo, considerar que essa consciência emocional pode estar presente entre tutores com formação técnica, o que deve ser levado em conta na interpretação dos dados. A ciência do comportamento animal evidencia que estados emocionais negativos persistentes comprometem o bem-estar e podem desencadear alterações fisiológicas relevantes, como imunossupressão e distúrbios do trato urinário (Buffington, 2002).

Tutores que compreendem a expressão emocional dos gatos tendem a identificar mais rapidamente sinais de sofrimento, o que favorece intervenções precoces e reduz a cronificação de problemas comportamentais (Ellis *et al.*, 2013; Yamamoto; Volpato, 2018). Em relação à resposta dos tutores frente a mudanças de comportamento, como esconder-se, deixar de brincar ou evitar contato, a maioria relatou que procuraria ajuda veterinária diante desses sinais, enquanto uma parcela menor afirmou que aguardaria a evolução antes de buscar auxílio. Esse resultado é coerente com o perfil de parte da amostra, que apresenta maior familiaridade com condutas clínicas e comportamentais.

A percepção de que os gatos necessitam de interação constante com humanos, mas não necessariamente com outros gatos, foi predominante. Tal entendimento reflete parcialmente a biologia da espécie, que é socialmente flexível e capaz de formar vínculos tanto com pessoas quanto com congêneres, desde que haja introdução gradual e oferta suficiente de recursos (Crowell-Davis *et al.*, 2004). A interação social mediada por brincadeiras desempenha papel essencial na redução do tédio e na promoção do bem-estar.

Por fim, quanto ao número ideal de gatos por domicílio, as respostas variaram, mas predominou a percepção de que dois gatos podem conviver de forma equilibrada em uma mesma residência. A literatura aponta que a densidade populacional deve sempre considerar o espaço físico e a disponibilidade de recursos, pois a superpopulação em ambientes restritos está diretamente relacionada a conflitos, disputas territoriais e aumento do estresse crônico (Amat *et al.*, 2016; Rochlitz, 2000).

4.6 ESTRATÉGIAS PRÁTICAS E ACESSÍVEIS PARA MELHORIA DO BEM-ESTAR FELINO

A análise dos resultados indicou que fatores socioeconômicos, como renda e escolaridade, exercem influência direta sobre o nível de conhecimento e as práticas de manejo adotadas pelos tutores. Verificou-se que indivíduos com maior escolaridade e melhores condições financeiras tendem a adotar condutas mais alinhadas às recomendações técnicas, enquanto aqueles com menor renda apresentam limitações no acesso à informação e na implementação de recursos específicos. Diante desse cenário, torna-se essencial discutir estratégias acessíveis e eficazes de enriquecimento ambiental, capazes de promover o bem-estar do gato independentemente das condições socioeconômicas dos tutores.

O enriquecimento ambiental constitui uma das principais ferramentas para promover o bem-estar e prevenir tensões comportamentais em gatos domiciliados. Mais do que a simples oferta de objetos, trata-se de um conjunto de práticas que visam estimular o repertório natural da espécie, equilibrar interações sociais e reduzir fatores estressores do ambiente (Rodan *et al.*, 2024).

De acordo com as Diretrizes de Tensão Intergatícia da AAFP (Rodan *et al.*, 2024), um ambiente enriquecido deve contemplar condições que assegurem segurança, previsibilidade e oportunidades de controle sobre o espaço. Isso inclui garantir locais elevados e esconderijos, permitir rotinas estáveis e evitar mudanças bruscas que possam gerar ansiedade. A previsibilidade nas interações é considerada um dos fatores mais relevantes para a estabilidade emocional dos gatos.

Outro ponto enfatizado pelas diretrizes é a importância da separação adequada de recursos, especialmente em lares com múltiplos gatos. A oferta de comedouros, bebedouros, caixas de areia e áreas de descanso em número suficiente evita disputas territoriais e reduz a tensão entre indivíduos. Além disso, a introdução de estímulos cognitivos e sensoriais, como brinquedos interativos, enriquecimento alimentar e o uso de feromônios sintéticos, contribui para a manutenção do equilíbrio emocional, prevenindo o tédio e a frustração.

Essas estratégias, quando aplicadas de forma consistente, favorecem não apenas o comportamento exploratório e a expressão de condutas naturais, mas também fortalecem o vínculo entre gatos e humanos. É importante destacar que o enriquecimento não requer altos custos, podendo ser adaptado à realidade de cada domicílio com o uso de recursos simples, como caixas de papelão, prateleiras improvisadas e brinquedos caseiros. Dessa forma, a consolidação de práticas de enriquecimento ambiental, aliada à observação atenta dos sinais comportamentais, representa uma medida eficaz e acessível para a promoção do bem-estar físico e psicológico dos gatos.

Muitas estratégias de enriquecimento ambiental e de manejo não exigem investimentos elevados, podendo ser adaptadas à realidade de cada domicílio. Recursos simples e de baixo custo, como sacolas de papel, prateleiras (Figura 6), caixas de papelão (Figura 7) reaproveitadas e garrafas plásticas transformadas em brinquedos interativos (Figura 8), são capazes de promover estímulos exploratórios, esconderijos, locais de descanso e atividades de caça simulada, elementos fundamentais para o bem-estar dos gatos (Ellis *et al.*, 2013; Amat *et al.*, 2016).

Figura 6. Gatos utilizando prateleiras como recurso de enriquecimento ambiental em residências de Areia-PB.



Fonte: Arquivo pessoal (2025).

Figura 7. Gatos utilizando caixas de papelão como recurso de enriquecimento ambiental.



Fonte: Arquivo pessoal (2025).

Figura 8. Exemplo de enriquecimento ambiental com materiais reutilizáveis em lares de Areia-PB.



Fonte: Arquivo pessoal (2025).

5 CONCLUSÕES

O presente estudo permitiu caracterizar o perfil socioeconômico e de manejo dos tutores de gatos domiciliados no município de Areia-PB, revelando um grupo heterogêneo quanto à escolaridade, renda familiar e práticas de cuidado animal. Esse panorama foi essencial para compreender como fatores sociais influenciam diretamente as percepções e condutas voltadas ao bem-estar dos gatos.

A análise do ambiente domiciliar e das estratégias de enriquecimento demonstrou que, embora muitos tutores já ofereçam recursos importantes, como arranhadores, locais elevados e janelas de observação, ainda persistem lacunas quanto à quantidade adequada de caixas de areia, à qualidade das interações sociais e à necessidade de variação dos estímulos. Esses achados reforçam a importância de difundir orientações práticas e cientificamente embasadas para a promoção de ambientes mais adequados. Além disso, a adoção de recursos simples e reaproveitáveis — como caixas de papelão, brinquedos artesanais e prateleiras improvisadas — evidencia que o bem-estar dos gatos não depende exclusivamente de fatores financeiros, mas principalmente do conhecimento, da sensibilidade e da criatividade dos tutores.

Em relação ao manejo nutricional, verificou-se percepção majoritariamente adequada sobre o escore corporal ideal. Entretanto, práticas como a oferta de alimento à vontade e o uso de comida caseira sem orientação técnica ainda representam riscos à saúde. A combinação de dieta mista e maior aporte hídrico foi identificada como ponto positivo, em consonância com a literatura, que destaca a hidratação como fator protetor frente a distúrbios urinários. Nesse contexto, o acompanhamento veterinário periódico é indispensável para o ajuste de porções, escolha de dietas e prevenção de doenças crônicas.

Observou-se também que a maioria dos tutores reconhece a importância da vacinação e das consultas regulares, embora ainda ocorram condutas pontuais e irregulares. O acompanhamento veterinário contínuo deve ser compreendido não apenas como medida de cuidado individual, mas também como parte integrante da saúde pública, essencial para o controle de zoonoses e a promoção do bem-estar coletivo.

Quanto ao comportamento e à percepção de bem-estar, os resultados demonstraram que os tutores reconhecem emoções e interpretam mudanças de conduta como indicativos relevantes do estado dos gatos. Contudo, ainda há limitações no conhecimento sobre princípios fundamentais, como as Cinco Liberdades, que são a base para compreender as necessidades físicas e emocionais dos animais.

Por fim, o estudo atingiu seu objetivo de propor estratégias viáveis e acessíveis para a melhoria do bem-estar dos gatos, demonstrando que ações simples podem ser eficazes quando associadas à informação de qualidade. Nesse sentido, a democratização do conhecimento científico emerge como elemento essencial para reduzir desigualdades no cuidado com os animais de companhia. A universidade, enquanto polo de ensino e extensão em Areia-PB, pode desempenhar papel estratégico na tradução de informações técnicas em orientações práticas, permitindo que tutores de diferentes condições socioeconômicas ofereçam conforto, nutrição e estímulo comportamental adequados. Assim, programas de extensão e campanhas educativas com linguagem acessível e foco nas necessidades reais dos tutores representam um caminho efetivo para promover o bem-estar dos gatos em contextos diversos, equilibrando suas necessidades etológicas com a realidade social das famílias.

REFERÊNCIAS

ABCD (Advisory Board on Cat Diseases). **ABCD Guidelines on Feline Vaccination**. 2020. Disponível em: <https://www.abcdcatsvets.org/>. Acesso em: 25 set. 2025.

ABINPET – Associação Brasileira da Indústria de Produtos para Animais de Estimação. *Cenário Pet Brasil 2022*. São Paulo, 2022. Disponível em: <https://abinpet.org.br>. Acesso em: 12 out. 2025.

AMAT, M.; CAMPS, T.; MANTECA, X. Stress in owned cats: behavioural changes and welfare implications. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, v. 18, n. 8, p. 577–586, 2016.

AMAT, M. *et al.* Potential risk factors associated with feline behaviour problems. **Applied Animal Behaviour Science**, v. 121, n. 2, p. 134–139, 2009.

BARBOZA, C. A. Cinco liberdades e bem-estar animal: evolução histórica e aplicações práticas. **Revista de Ética e Bem-Estar Animal**, v. 2, n. 1, p. 15–22, 2021.

BRAMBELL, F. W. R. *Report of the Technical Committee to Enquire into the Welfare of Animals kept under Intensive Livestock Husbandry Systems*. London: Her Majesty's Stationery Office, 1965.

BROOM, D. M. A history of animal welfare science. **Acta Biotheoretica**, v. 59, n. 2, p. 121–137, 2011.

BUFFINGTON, C. A. T. Dry foods and risk of disease in cats. **Canadian Veterinary Journal**, v. 43, n. 9, p. 695–697, 2002.

BUFFINGTON, C. A. T. Pandora syndrome in cats: stress and welfare implications. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, v. 16, n. 9, p. 729–740, 2014.

BUFFINGTON, C. A. T.; WESTROPP, J. L.; CHEW, D. J. From Feline Idiopathic Cystitis to Pandora Syndrome. **Veterinary Clinics of North America: Small Animal Practice**, v. 44, n. 1, p. 219–229, 2014.

CASE, L. P. *et al.* **Canine and Feline Nutrition: A Resource for Companion Animal Professionals**. 3. ed. St. Louis: Mosby, 2011.

CASEY, R. A. *et al.* The effect of hiding enrichment on stress levels and behaviour of domestic cats (*Felis catus*) in a shelter setting and the implications for adoption potential. **Animal Welfare**, v. 16, p. 375–383, 2007.

CONSELHO REGIONAL DE MEDICINA VETERINÁRIA DO MATO GROSSO (CRMV-MT). *Humanização de animais de estimação: riscos e implicações para o bem-estar*. Cuiabá, 2025. Disponível em: <https://www.crmvmmt.org.br>. Acesso em: 12 out. 2025.

CROWELL-DAVIS, S. L.; CURTIS, T. M.; KNOWLES, R. J. Social organization in the cat: a modern understanding. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, v. 6, n. 1, p. 19–28, 2004.

CRUZ, C. C.; CARDOSO, R. C. S.; MOUTINHO, F. F. B. **Caracterização da população canina e felina domiciliada do município de Cachoeiras de Macacu, RJ. Medicina Veterinária (UFRPE)**, v. 13, n. 3, p. 329–338, 2019. Disponível em: <https://www.journals.ufrpe.br/index.php/medicinaveterinaria/article/view/3294>.

DAY, M. J. *et al.* WSAVA Guidelines for the vaccination of dogs and cats. **Journal of Small Animal Practice**, v. 57, n. 1, p. e1–e45, 2016.

ELLIS, S. L. H. Environmental enrichment: practical strategies for improving feline welfare. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, v. 11, n. 11, p. 901–912, 2009.

ELLIS, S. L. H. *et al.* ISFM consensus guidelines on the management of the housecat. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, v. 15, n. 3, p. 219–230, 2013.

FORCADA, Y.; STRIER, J. Practical approaches to feeding cats. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, v. 16, n. 8, p. 671–681, 2014.

FREEMAN, L. M. *et al.* Current knowledge about obesity in dogs and cats. **Journal of Veterinary Internal Medicine**, v. 35, n. 6, p. 2249–2265, 2021.

GERMAN, A. J. The growing problem of obesity in dogs and cats. **Journal of Nutrition**, v. 136, p. 1940S–1946S, 2006.

HEATH, S. E.; WILSON, C. The behavioural biology of the domestic cat. In: AUGUST, J. R. **Consultations in Feline Internal Medicine**. 7. ed. St. Louis: Elsevier, 2014. p. 726–739.

IBGE. Pesquisa Nacional de Saúde 2013: acesso e utilização dos serviços de saúde, acidentes e violências. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2015. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv94074.pdf>. Acesso em: 12 out. 2025.

IBGE. Pesquisa Nacional de Saúde 2019: domicílios com cães e gatos no Brasil. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2020. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101764.pdf>. Acesso em: 12 out. 2025.

LASNOR, A. L. S.; BARROS, B. R. A.; FREITAS, D. L. A. **O gato doméstico e a importância do enriquecimento ambiental.** Campina Grande: Doity Editora, 2023.

LEY, J.; SEKSEL, K. The behaviour of the cat. In: HOUP, K. A. *Domestic Animal Behavior for Veterinarians and Animal Scientists*. 6. ed. Iowa: Wiley-Blackwell, 2016.

MACHADO, J. C.; PAIXÃO, R. L. A representação do gato doméstico em diferentes contextos. **Revista de História da Arte e Arqueologia**, n. 20, p. 41–52, 2014. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5175708>.

MAIA, T. B. **Percepção de tutores sobre o enriquecimento ambiental em gatos domiciliados**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Zootecnia) – Universidade Federal da Paraíba, Areia, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/22096>.

MALÉK, J. **The Cat in Ancient Egypt**. 2. ed. London: British Museum Press, 2006.

MARKS, S. L. *et al.* 2022 AAHA Nutrition and Weight Management Guidelines for Dogs and Cats. **Journal of the American Animal Hospital Association**, v. 58, n. 5, p. 239–257, 2022.

MARTINS, M. F.; MOLENTO, C. F. M.; HÖTZEL, M. J. Attitudes of Brazilian citizens regarding the welfare of companion animals. **Revista de Etologia**, v. 12, n. 2, p. 23–31, 2013.

MELO, C. A. B. **Comportamento felino e diminuição do estresse associado ao manejo cat friendly**: revisão de literatura. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Medicina Veterinária) — Universidade Federal da Paraíba, Areia, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/23284>.

MELLOR, D. J. Updating animal welfare thinking: Moving beyond the “Five Freedoms” towards “A Life Worth Living”. **Animals**, v. 6, n. 3, p. 21, 2016.

MENDL, M.; BURMAN, O. H. P.; PAUL, E. S. An integrative and functional framework for the study of animal emotion and mood. **Proceedings of the Royal Society B: Biological Sciences**, v. 277, p. 2895–2904, 2010. DOI: 10.1098/rspb.2010.0303.

MONTAGUE, M. J. *et al.* Comparative analysis of the domestic cat genome reveals genetic signatures underlying feline biology and domestication. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, v. 111, n. 48, p. 17230–17235, 2014. DOI: 10.1073/pnas.1410083111.

OLIVEIRA, E. C.; SOUZA, T. D.; LIMA, L. C. Fatores associados à castração de cães e gatos em áreas urbanas do Brasil. **Revista Brasileira de Medicina Veterinária**, v. 42, n. 1, p. e003120, 2020.

OLIVEIRA, F. S.; SOUZA, A. L.; LIMA, D. C. Perfil epidemiológico e práticas de manejo de gatos domiciliados em área urbana do Nordeste brasileiro. **PubVet**, v. 14, n. 6, p. 1–10, 2020. DOI: 10.31533/pubvet.v14n6a556.1-10.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE ANIMAL (OIE). *Terrestrial Animal Health Code*. Paris: OIE, 2018.

PONGRÁCZ, P. *et al.* Social behaviour of cats: A review of sociality in domestic felines. **Applied Animal Behaviour Science**, v. 205, p. 1–8, 2018. DOI: 10.1016/j.applanim.2018.03.003.

ROCHLITZ, I. Feline welfare issues. In: TURNER, D. C.; BATESON, P. (eds.). *The Domestic Cat: The Biology of its Behaviour*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. p. 207–226.

ROCHLITZ, I. A review of the housing requirements of domestic cats kept in the home. **Applied Animal Behaviour Science**, v. 93, n. 1–2, p. 97–109, 2005.

RODAN, I. House soiling in cats: How to find the cause and prevent it. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, v. 17, n. 7, p. 538–547, 2015.

RODAN, I. *et al.* Feline-friendly handling. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, v. 13, n. 5, p. 364–375, 2011.

RODAN, I.; RAMOS, D.; CARNEY, H. *et al.* 2024 AAFP intercat tension guidelines: recognition, prevention and management. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, v. 26, n. 7, 2024. DOI: 10.1177/1098612X241263465.

SANTOS, F. A. *et al.* Práticas de manejo de gatos domiciliados e percepção de tutores sobre bem-estar animal. **Ciência Animal**, v. 34, n. 2, p. 55–66, 2024.

SLATER, M. R. Understanding and controlling of feral cat populations. **Journal of the American Veterinary Medical Association**, v. 225, n. 9, p. 1354–1360, 2004.

SLATER, M. R. **The welfare of feral cats**. In: *The Welfare of Cats*. Dordrecht: Springer, 2004. p. 141–175.

STELLA, J.; CRONEY, C. Environmental aspects of domestic cat care and management: Implications for cat welfare. **Scientific and Technical Review of the Office International des Epizooties**, v. 35, n. 1, p. 71–82, 2016.

STELLA, J.; CRONEY, C. Coping styles in the domestic cat (*Felis catus*) and implications for cat welfare. **Animals**, v. 9, n. 6, p. 370, 2019.

VIGNE, J. D. *et al.* Early taming of the cat in Cyprus. **Science**, v. 304, n. 5668, p. 259, 2004. DOI: 10.1126/science.1095335.

VITALE SHREVE, K. R.; UDELL, C.; BRADSHAW, J. W. S. The social lives of free-ranging cats. **Animals**, v. 12, n. 3, p. 271–283, 2022. DOI: 10.3390/ani12030271.

WELFARE QUALITY. **Welfare Quality® Assessment Protocol for Cats and Dogs**. Cardiff: Cardiff University, 2009.

YAMAMOTO, M. E.; VOLPATO, G. L. **Comportamento animal**. 2. ed. Natal: EDUFRN, 2018.

ANEXO A – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS TUTORES DE GATOS DOMICILIADOS.

Nome (Opcional): _____ Idade: _____

Escolaridade: () Fundamental incompleto () Fundamental completo () Médio incompleto () Médio completo () Superior incompleto () Superior completo

Faz Medicina Veterinária? () Sim () Não Qual período: _____

Você se considera de qual renda? () Renda mensal de até R\$2.850 () Renda mensal de R\$2.850,01 a R\$4.700 () Renda mensal de R\$4.700,01 a R\$8.600 () Renda mensal de R\$8.600,01 a R\$12.000 () Renda acima de R\$12.000,01

Quantos gatos têm na residência? () 1 () 2 () 3 () 4 () Mais, quantos? _____

Qual(is) sexo: () Fêmea () Macho / N° fêmeas: _____ N° machos: _____

Castrado(s): () Sim () Não / N° castrados: _____ N° não castrados: _____

Seção 1 – Percepções sobre o Ambiente Ideal para Gatos

(marque quantas quiser)

1. Qual deve ser o nível de liberdade de circulação de um gato fora de casa?

() Somente dentro de casa telada

() Livre acesso à rua

() Pode sair supervisionado (guia, área externa cercada)

() Não sei dizer

[] Arranhadores

[] Brinquedos

[] Janelas para observar

[] Prateleiras ou locais altos

[] Locais para se esconder

[] Companhia de outros gatos

[] Companhia de pessoas

[] Nada disso é necessário

2. Quais itens você considera importantes no ambiente do gato?

3. Quantas caixas de areia um gato deveria ter?

- ☐ Uma é suficiente
- ☐ Duas ou mais
- ☐ Uma por gato
- ☐ Duas por gato
- ☐ Não tenho certeza

4. Com que frequência a caixa de areia deve ser limpa?

- ☐ Uma vez por dia
- ☐ Duas vezes por dia ou mais
- ☐ A cada dois dias
- ☐ Depende do número de gatos

Seção 2 – Percepções sobre a Nutrição Ideal de Gatos

1. Para você, qual seria o escore corporal ideal de um gato saudável?

- ☐ 1
- ☐ 2
- ☐ 3
- ☐ 4
- ☐ 5

2. Você considera importante que o gato tenha acesso constante a água fresca?

- ☐ Sim, sempre
- ☐ Sim, mas pode trocar 1x/semana
- ☐ Não é necessário trocar com frequência

3. Quantos bebedouros você acha importantes ter pela casa?

- ☐ 1
- ☐ 2
- ☐ 3
- ☐ mais de 3

4. Qual tipo de alimentação você considera ideal para gatos?

- ☐ Somente ração
- ☐ Somente comida caseira
- ☐ Somente sachê
- ☐ Ração + comida caseira
- ☐ Ração + sachê

5. Na sua opinião, quantas refeições por dia um gato deve receber?

- ☐ 3 refeições por dia

- ☐ 4 refeições por dia
- ☐ 5 ou mais refeições por dia
- ☐ O alimento deve ficar disponível o tempo todo (ração à vontade)

6. Com que frequência o comedouro e bebedouro devem ser lavados?

- ☐ Diariamente
- ☐ Algumas vezes por semana
- ☐ Raramente
- ☐ Não sei

Seção 3 – Percepções sobre Cuidados de Saúde Ideais

1. Com que frequência um gato deve ir ao veterinário?

- ☐ Apenas quando está doente
- ☐ Uma vez por ano
- ☐ Duas vezes por ano ou mais
- ☐ Não levo

2. Sobre vacinação de gatos, o que você considera ideal?

- ☐ Só quando filhote
- ☐ Todo ano

☐ Não é necessário

☐ Não sei dizer

3. Vermífugo e antipulgas devem ser usados:

- ☐ Regularmente (ex: a cada 3 a 6 meses)
- ☐ Só se houver sintomas
- ☐ Nunca usei
- ☐ Não sei dizer

Seção 4 – Percepções sobre Comportamento e Bem-Estar Emocional

1. Você já ouviu falar nas “cinco liberdades do bem-estar animal”?

- ☐ Sim, sei o que são
- ☐ Já ouvi falar, mas não sei explicar
- ☐ Nunca ouvi falar

2. Qual das frases melhor define “bem-estar animal”?

- ☐ Quando o animal não sente dor ou doença
- ☐ Quando o animal tem liberdade para expressar seus comportamentos

naturais, boa saúde e ambiente adequado

☐ Quando o animal está alimentado e vive dentro de casa

☐ Todas as alternativas

☐ Não sei dizer

3. Você sabe o que é enriquecimento ambiental?

☐ Sim

☐ Não

4. Como você espera que um gato se comporte?

(marque quantas quiser)

☐ Carinhoso

☐ Independente

☐ Brincalhão

☐ Calmo e dorminhoco

☐ Que interaja com outros animais

☐ Que não seja agressivo

5. Gatos sentem emoções como medo, ansiedade ou tédio?

☐ Sim, com certeza

☐ Talvez, mas não como os humanos

☐ Não, apenas reagem ao ambiente

☐ Não sei dizer

6. O que você faria se seu gato mudasse de comportamento (ex: se escondesse, parasse de brincar)?

☐ Levaria ao veterinário

☐ Esperaria melhorar sozinho

☐ Mudaria algo no ambiente

☐ Não sei o que faria

7. Gatos precisam de companhia constante, tanto de gatos como de humanos?

☐ Sim, de humanos e/ou outros animais

☐ Só de humanos

☐ Só de outros gatos

☐ Preferem ficar sozinhos

8. Na sua opinião, qual é o número ideal de gatos vivendo juntos em uma casa sem causar estresse entre eles?

☐ 1 gato apenas

☐ Até 2 gatos

☐ Até 3 gatos

() 4 ou mais gatos convivem bem se forem bem cuidados

() O número não importa, desde que haja comida e abrigo

() Não sei dizer